

LEGUMINOSAS

ESCRITO POR:

HIVAN MARTINEZ

CAPÍTULO 07



CENA 1 – MANSÃO CAMPARINE/ESCRITÓRIO/INT./MANHÃ

Dicário está sentado em sua poltrona, uma vez ou outra ele ajeita os documentos sobre a mesa, mesmo já estando tudo em perfeita ordem, parecia que aquele encontro o incomodava. Ele estava impaciente e nervoso, ele não sabia o que dizer ao seu pai biológico, foi quando a porta abriu-se e revelou Kuller.

Seu pai estava usando um terno preto e uma gravata com listras lilás com cinza, ele apenas o encarou com os olhos e o viu sentar em sua frente.

KULLER: Dicário precisamos conversar.

Dicário não sabia exatamente o que dizer apenas o ficou encarando em silêncio por alguns segundos. Kuller se aproximou e sentou na cadeira logo a frente de Dicário.

DICÁRIO: Eu confesso que não esperava conversar contigo nessas circunstâncias.

KULLER: Eu também não esperava por isso.

Dicário solta um suspiro, por um momento ele lembra de Brunela e Manoel, pra ele aqueles eram seus verdadeiros pais, ele não conseguia admitir que Kuller pudesse tentar invadir aquele espaço.

DICÁRIO: Depois de mais de vinte anos tu decide vim na minha casa falar sobre negócios?

KULLER: Eu sei que tu tem teus ressentimentos Dicário, mas devemos ser adultos e seguir em frente.

DICÁRIO: Ressentimentos?

Dicário faz uma entonação de voz forçando a ironia e a revolta.

DICÁRIO: Tu me abandonou, nunca me procurou e agora vem com essa história.

KULLER: Eu não estou aqui pra te pedir perdão, não acho que depois de uma conversa tu vai sair daqui me chamando de pai, ou comprando um cartão bonito pra mim no dia dos pais, eu não estou aqui pra isso, eu vim aqui estritamente a negócios.

DICÁRIO: Mas é muito cara de pau mesmo, quer saber? Eu não vou vender a empresa pra ti.

Dicário se levanta revoltado.

DICÁRIO: Faça o favor de sair da minha casa, que eu herdei dos meus pais, e nunca mais fale comigo, eu nunca vou vender a empresa Camparine pra ti.

Kuller o encara e solta uma gargalhada.

KULLER: Tu fala como se fosse um Camparine.

Ele permanece sentado, mesmo vendo Dicário em pé em sua frente, visivelmente furioso.

KULLER: Tu ta esquecendo que essa decisão vai ser tomada por você, Alita e Angélica. E como Angélica está presa, acho que chegamos a um impasse.

Kuller parece pensativo.

KULLER: Eu imagino a dor que esteja passando, perder os pais, acho que é algo mais próximo do que tu sentiu de amor verdadeiro.

DICÁRIO: Não precisa fingir que sente alguma coisa, apenas me deixe sozinho.

KULLER: Senta aí, já que não vamos falar de negócios então pelo menos me deixe dizer alguma coisa sobre você, e sobre quando tu nasceu.

Dicário estava tão irritado, sentia tanta raiva, mas algo em seu interior falou mais alto e ele sentou na poltrona novamente, respirou fundo e encarou Kuller, em seu interior algo implorava para que aquele homem se redimisse e o assumisse como seu pai. Talvez a dor de perder seus pais realmente tinha o consumido por dentro, e ele precisava de algo para ser resgatado.

DICÁRIO: Por que me abandonou?

KULLER: Acho que isso começa muito antes de tu ser abandonado, começou quando eu conheci sua mãe, Stella. Era uma mulher linda, tinha apenas qualidades, do meu lado nós construímos muitas coisas, ela me ajudou a fundar a empresa que sou dono, mas isso não é nada comparado com a grandiosidade que ela era.

Por mais que Dicário quisesse odiar aquele homem e mandar ele embora, seus olhos brilharam ao ouvir o nome de sua mãe biológica.

KULLER: Sua mãe ficou grávida, desde o início ela queria que seu nome fosse Dicário.

Foi nesse momento em que uma lágrima surgiu nos olhos do rapaz, abruptamente ele levanta e caminha até a janela.

KULLER: Há algo de errado?

DICÁRIO: Não. – Ele abre a cortina. – Eu vou abrir a janela, está muito quente hoje.

Dicário limpa as lágrimas enquanto permanece olhando pela janela.

DICÁRIO: Eu não quero te encarar, eu sinto raiva de você.

KULLER: É normal me odiar depois do que eu fiz.

DICÁRIO: Mas continue falando, como era minha mãe?

Kuller sorri e continua contando sua história.

CENA 2 – REPOUSO DELBRAVO(RJ)/SALA/INT./MANHÃ

Renata entra, ela vê uma mulher de costas sentada de frente para a janela, um suspiro, o coração apertado, carregado de histórias e emoções, lágrimas invadem o rosto de Renata.

RENATA: Leguma...

A mulher com cabelos longos e loiros se vira e olha para Renata, um sorriso se abre e ela corre em direção a amiga.

Um abraço forte entre as duas.

LEGUMA: Eu te esperei por tanto tempo.

Carregada pela emoção daquele reencontro, Leguma começa a chorar, Renata acaricia seu rosto com paciência.

RENATA: Eu também senti sua falta.

Leguma e Renata sentam em um sofá, uma ao lado da outra.

LEGUMA: Eu nunca pensei que chegaria a esse ponto um dia.

RENATA: Não é sua culpa.

LEGUMA: Eu acho que eu estou enlouquecendo, estou com a memória fraca e meu corpo as vezes não reconhece meus comandos.

Leguma parece aflita enquanto Renata a escuta com atenção.

RENATA: Eu trouxe a Polli, tu acha que está pronta para conhecê-la?

LEGUMA: Eu não acho isso certo, Renata.

Leguma levanta e começa a chorar.

LEGUMA: Talvez seja o fim e nós temos que aceitar.

RENATA: Não...

Renata coloca as mãos sobre o rosto, instintivamente suas lágrimas invadem seu rosto.

RENATA: Eu prometi aos nossos pais que eu iria te cuidar.

CENA 3 – [FLASHBACK]MANSÃO DELBRAVO/VARANDA/EXT./NOITE

A mansão Delbravo recebia naquela noite uma cesta com uma vida dentro. Era como nos filmes ou em novelas em que alguém deixava uma criança na porta de uma casa de uma família rica, talvez por falta de condições financeiras da mãe, ou qualquer outro motivo que se tornava irrelevante a partir daquele momento. Parando pra pensar, era uma atitude altruísta da mãe, em seu último ato, tentar dar a seu filho aquilo que jamais poderia oferecer.

Ano após ano pessoas ouviam e viam notícias sobre bebês abandonados no lixo, pensar que Leguma poderia ter recebido um final diferente era assustador. A família Delbravo acolheu aquela bebezinha em sua mansão. Agora, mais do que nunca, Leguma Delbravo, a filha ilegítima que recebeu muito mais que uma fortuna, ela ganhou uma família.

CENA 4 – REPOUSO DELBRAVO(RJ)/SALA/INT./MANHÃ

De volta ao repouso, Renata se aproxima de Leguma.

RENATA: Tu foi a primeira filha dos meus pais, eu cheguei ao mundo tendo a melhor irmã do mundo.

LEGUMA: E eu vou agradecer por isso a minha vida toda.

RENATA: Então...

Ela toca o ombro de Leguma.

RENATA: Eu não posso aceitar que tu tome uma decisão que te faça sofrer e me faça sofrer também.

LEGUMA: E tu acha que a Polli está preparada para a verdade?

Renata suspira.

CENA 5 – [FLASHBACK]MANSÃO DELBRAVO/JARDIM/EXT./NOITE

Leguma tinha seus 16 anos, ela estava sentada em um banco enquanto tomava sol, sua irmã, Renata, apenas um ano mais nova, chega chorando.

RENATA: Leguma...

Uma recorria a outra sempre quando o desespero tomava conta, em um abraço forte, Renata chorou desesperadamente e segredou a sua irmã que ela estava grávida e não sabia o que fazer.

CENA 6 – REPOUSO DELBRAVO(RJ)/SALA/INT./MANHÃ

LEGUMA: Tudo bem, Renata, se tu quer mesmo contar toda a verdade, vamos falar com Polli sobre isso.

RENATA: Eu to com medo.

LEGUMA: Eu sei, eu também estou.

As duas permaneciam de mãos dadas, a cena escurece.

CENA 7 – PRESÍDIO/SALA DE VISITA/INT./MANHÃ

Na sala de visitas, Petra acabava de dar a Angélica uma pasta com arquivos das redes sociais de Manoel Camparine e Brunela Camparine. A jovem chorava enquanto apontava para a foto em que estava Sasha ao lado de seu pai.

ANGÉLICA: Essa mulher, foi ela quem matou meu namorado.

Repetia ela com exatidão.

Petra muda o semblante para uma expressão mais determinada, como se finalmente tivesse uma pista em sua frente.

PETRA: Tu tem certeza disso Angélica?

Angélica a encara.

ANGÉLICA: Eu não a vi matando Fernando, mas só pode ser ela.

PETRA: Me conte como vocês se conheceram.

ANGÉLICA: Foi num jogo de futebol do Fernando, ele gostava de jogar com os amigos, naquele dia, no fim do jogo recebemos um convite para ir jantar com essa mulher, Sasha, ela se dizia namorada do Piter, que jogava junto com meu namorado. Não demorou uma semana para Sasha forçar uma aproximação, e depois ela surgiu com uma história de que meu namorado e o namorado dela nos traíam.

PETRA: E esse Piter, não teria como ele ter matado seu namorado?

Angélica fica nervosa.

ANGÉLICA: Eu não tenho certeza de que pode ser uma armação dos dois, mas Piter testemunhou contra mim.

PETRA: Tem razão, mas Piter morreu por razões desconhecidas no hospital.

Angélica fica visivelmente nervosa com a notícia.

ANGÉLICA: Isso acabou atrasando meu julgamento.

Ela parece pensativa.

ANGÉLICA: E se o Piter foi assassinado como queima de arquivo? E se pra eles é indiferente a minha condenação, se queriam apenas ganhar tempo?

PETRA: Como assim? Eles quem? Não é só a Sasha?

ANGÉLICA: Se ela foi capaz de arquitetar tudo isso, matar meus pais e meu namorado na mesma noite, ela recebeu ajuda.

Angélica falava aceleradamente como se estivesse fora de si.

PETRA: Acalme-se Angélica, vamos com um passo de cada vez, pode ser?

Angélica toma fôlego novamente.

ANGÉLICA: Tu consegue as gravações das câmeras de segurança do hospital do dia em que Piter morreu?

PETRA: Eu vou emitir um pedido com o juiz.

ANGÉLICA: Se a Sasha estava lá, isso vai ser mais uma prova de que ela está envolvida nisso tudo.

Petra sorri confiante.

PETRA: Pode ter certeza que sim, eu vou fazer isso imediatamente, e também farei o levantamento do histórico dessa mulher.

Angélica finalmente parecia sentir a esperança como nunca, pela primeira vez ela tinha algo em que acreditar que poderia dar certo, e custasse o que fosse necessário, mas ela iria provar a própria inocência.

Após uma breve despedida, Petra sai da sala e Angélica é conduzida novamente para sua cela.

CENA 8 – MANSÃO DELBRAVO/SALA DE JANTAR/INT./MANHÃ

Polli lavava a louça enquanto Sasha secava com um pano e guardava os utensílios.

SASHA: Sua mãe não é muito de conversa.

POLLI: Ela é legal, mas é muito ocupada.

SASHA: Eu li que sua mãe tem uma irmã adotiva, o nome dela é Leguma, vocês vieram pra visitar ela? Afinal ela mora aqui no Rio né?

Polli estranha a pergunta de Sasha e também o fato dela saber bastante sobre sua família.

POLLI: Sim, como que tu sabe disso?

SASHA: Ah eu pesquisei um pouco, e a família Delbravo é muito importante, fiquei sabendo que estão abrindo uma clínica de pesquisas em Brasília.

POLLI: É, mas minha mãe não se envolve muito na parte de expansão da empresa.

Nesse momento Thasio entra no cômodo, ele dá um beijo de Polli e um beijo no rosto de Sasha.

THASIO: E aí, como estão?

SASHA: Estamos bem, a Polli estava me contando um pouco sobre a história da família Delbravo.

THASIO: Legal.

POLLI: Eu não acho legal tu dormir com a Sasha enquanto estamos aqui.

Polli encara Thasio com um pouco de tristeza.

THASIO: Polli eu não fiz por mal.

POLLI: A mãe pode desconfiar, eu não quero que isso se repita.

THASIO: Polli, tu disse que ia aceitar nosso relacionamento assim.

Polli suspira furiosa e deixa o cômodo sem dizer mais nada.

THASIO: Ué!? Eu realmente não consigo entender a Polli.

SASHA: Ela está morrendo de ciúmes de você.

THASIO: Sério? Nossa, ela disse que estaria tudo bem.

SASHA: Mas é uma mula mesmo.

Ela solta uma gargalhada.

SASHA: E quem te fez pensar isso? Thasio cai na real, ela te ama, é normal ela sentir desconfortável.

Ela se aproxima de Thasio de forma provocante e o beija na boca.

SASHA: Eu concordo com ela que tu não pode ir dormir comigo, não podemos chamar atenção, mas podemos nos divertir enquanto a Renata está no trabalho.

THASIO: Tá, mas e quanto a Polli?

SASHA: Eu tenho uma ideia, ela só vai aceitar melhor esse relacionamento aberto quando for algo recíproco de ambas as partes.

THASIO: Como assim?

SASHA: A Polli precisa de outro homem.

Sasha sorri.

SASHA: Pode deixar comigo que eu vou resolver.

Sasha sorri, antes mesmo que Thasio pudesse dizer mais alguma coisa, Sasha sai.

CENA 9 – CASA DE JOCASTRO/SALA/INT./MANHÃ

Jocastro entra e vê Lunara sentada enquanto ela organiza algumas peças de roupa em cima do sofá.

JOCASTRO: Oi Lunara.

Ele dá um selinho nela.

LUNARA: Eu estou arrumando algumas peças de roupa, a Jamaica vai ficar aqui alguns dias.

JOCASTRO: Ah, eu concordo, não é bom ela voltar para aquela casa.

LUNARA: Sim, mas por enquanto eu só vou arrumar um lugar pra ela, porque eu não sei exatamente quando ela vai voltar.

JOCASTRO: Como assim?

LUNARA: A Jamaica foi conhecer a Leguma, a mãe biológica dela, eu espero que ela volte logo.

Lunara solta um suspiro, e então Jocastro a abraça, ele sabia que ela estava se sentindo vulnerável. Lunara sentia medo de que Jamaica amasse mais Leguma do que ela, ou pior, de que Jamaica se decepcionasse com Leguma, qualquer que fosse o cenário, Lunara não conseguia esconder a insegurança, abraçada a Jocastro, ela chora.

CENA 10 – RODOVIÁRIA/PONTO DE EMBARQUE/EXT./MANHÃ

Com uma mala e algumas peças de roupa dentro, Jamaica aguardava o ônibus que a levaria até sua mãe, Leguma. Em determinados momentos ela se perguntava se aquilo realmente era necessário, várias vezes pensou em voltar, mas o medo de se arrepender era maior.

Jamaica sentia fortes dores na cabeça, ela não sabia se aquilo era preocupação e stress, ou se era seu cérebro lembrando do tumor. De qualquer forma, ela estava sentindo-se tão sozinha como nunca esteve.

O ônibus chegou, ela embarcou, da janela ela olhava para algo que gritava do lado de fora, era como se ela estivesse se despedindo de seu passado, da vida que ela viveu ali, era doloroso.

CENA 11 - MANSÃO CAMPARINE/ESCRITÓRIO/INT./MANHÃ

Dicário ainda escutava atentamente o que Kuller tinha a dizer.

KULLER: Eu amava tanto Stella que era inconcebível pensar em perdê-la, o médico nos deu uma escolha, ou ela te abortava, ou corria um grande risco.

Ele contava fazendo várias pausas, fazia muitos anos, mas era tão nítido e tão real que parecia ter ocorrido há dias. Já Dicário deixou-se levar pela emoção, ele permaneceu de frente a janela e de costas para seu pai.

KULLER: Sua mãe seguiu até dar a luz a um lindo menino.

Naquele momento Dicário conseguiu, mesmo sem poder ver o rosto de Kuller, seu pai sorrindo, um sorriso cheio de carinho e ternura ao rememorar algo tão meio como um bebê enrolado em panos brancos em um leito de hospital.

Mas o sorriso logo se desfaz quando as próximas memórias eram cheias de dor e remorso.

KULLER: Stella faleceu no parto.

A voz agora soou mais fria e direta.

KULLER: Quando o médico me falou, eu não quis te ver, eu disse e implorei para que ela abortasse, e ela não fez isso, eu te culpei pela morte da Stella.

Dicário ouvia em profundo silêncio.

KULLER: Eu passei a odiar você, e eu me arrependo disso, na época eu não conseguia me livrar daquilo, era mais forte que eu, e tu era apenas um bebê, não tinha culpa, e por esse motivo eu decidi dar você a adoção, eu já conhecia Manoel Camparine na época, e sabia que ele e Brunela não podiam ter filhos, e foi assim que tu foi adotado por eles.

DICÁRIO: Tenho certeza de que foi a melhor escolha que tu fez, ser adotado pelos meus pais tornou a minha vida algo melhor, eu não sei o que eu seria hoje se tivesse crescido em um lar tão amargurado e vazio.

Ele voltou-se contra Kuller.

DICÁRIO: Olhe pra você, um velho decrépito que jamais vai ser amado novamente porque tu abandonou as pessoas que te amavam.

KULLER: Eu já esperava por isso, apenas me perdoe.

DICÁRIO: Talvez... – Ele suspira. – Talvez um dia tu mereça perdão, agora, por favor, me deixe sozinho.

Sem dizer mais nada, Kuller levanta e deixa o escritório.

CENA 12 - MANSÃO CAMPARINE/SALA/INT./MANHÃ

Um corte rápido para a sala da mansão onde Alita novamente estava com os pés sobre a mesinha de centro, ela mexia em seu celular, quando Kuller caminha pelo cômodo.

KULLER: Acho que o que eu precisava dizer eu já disse.

Alita levanta rapidamente, ela solta o celular sobre a mesinha e acompanha Kuller até o lado de fora da mansão.

CENA 13 - MANSÃO CAMPARINE/VARANDA/EXT./MANHÃ

Já na varanda que dava acesso a um enorme jardim a frente aquela mansão, Kuller se mostrava um pouco decepcionado.

KULLER: Eu não sei se adiantou conversar com o Dicário.

ALITA: Ele chorou pelo menos?

KULLER: Sim, mas o que isso tem a ver?

ALITA: Se ele chorou é porque ele se importa com isso sim, mesmo que ele diga que não, é algo que ele finge, e se esconde atrás dessa máscara de pessoa forte, mas no fundo ele é apenas um bebê chorão.

KULLER: E qual é o próximo plano?

Alita sorri.

ALITA: Vamos marcar um encontro, não posso revelar nada agora.

Os dois se despedem rapidamente.

CENA 14 - MANSÃO CAMPARINE/SALA/INT./MANHÃ

Alita volta para a sala após despedir-se de Kuller e flagra a empregada mexendo no seu celular.

ALITA: Que atrevimento é esse, Francisca?

A empregada leva um susto e encara Alita sem reação.

FRANCISCA: É que...

Antes que a empregada respondesse, Alita pega o aparelho furiosamente.

ALITA: Tu é uma empregadinha de merda! Sua imprestável...

FRANCISCA: Seu telefone tava tocando senhora e...

ALITA: E tu se achou no direito de atender?

FRANCISCA: Não, de jeito nenhum! Eu ia levar o celular pra você, mas quando peguei ele parou de tocar, a tela estava desbloqueada e eu pude ver...

ALITA: Tu viu o que?

FRANCISCA: Uma foto sua Alita...

A empregada estava nervosa e assustada, enquanto Alita parecia cada vez mais furiosa.

FRANCISCA: Tinha uma foto sua amarrada e amordaçada no celular, como se tivesse em um cativoiro.

A frase dita por aquela mulher soou como um tiro, Alita ficou paralisada.

A imagem congela no rosto de Alita.

CONTINUA...